

ARTIGO

CARTOGRAFIA ESCOLAR E GEOGRAFIA: UMA LINGUAGEM PARA COMPREENDER O ESPAÇO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Leandra de Lourdes Rezende Amaral¹
Miriellen Augusta da Assunção²

RESUMO

Este artigo apresenta resultados obtidos na pesquisa de dissertação – “A formação do professor para os anos iniciais do ensino fundamental e a Geografia” 2018, com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) – e amplia os debates acerca das atividades de cartografia escolar aplicada à disciplina Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental em escola municipal de Uberlândia. A pesquisa dedicou-se em trabalhar com uma abordagem qualitativa e como método interpretativo pautou-se no Materialismo Histórico Dialético. Desse modo, o presente trabalho não tem o intuito de apresentar um passo a passo de como se trabalhar com a linguagem cartográfica, mas, objetiva ampliar os debates quanto à forma com que essa linguagem vem sendo trabalhada, em muitos momentos, de forma equivocada. Para tal, é necessário que reconheçamos a importância da Geografia desde os anos iniciais e avancemos na concepção que a linguagem escolar não é uma simplificação da linguagem científica e que devemos mediar a linguagem respeitando tempos e espaços, bem como as convenções cartográficas, quando trabalhamos com tal linguagem. Assim, linguagem gráfica e cartográfica, quando utilizada conscientemente respeitando suas condições, muito contribui para a espacialização do sujeito, bem como amplia sua criticidade e concepção de mundo.

Palavras-chave: Linguagem Cartográfica. Espacialização do Sujeito. Criticidade.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Mestra e Licenciada em Geografia pela UFU/Uberlândia. E-mail: leandra.amaral2008@gmail.com

² Docente do Instituto Federal do Triângulo Mineiro/ Uberlândia. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Graduada em Engenharia de Produção pela Uniminas/Uberlândia. E-mail: miriellena@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Diante dos desafios educacionais que enfrentamos na atualidade necessitamos de maiores reflexões acerca da utilização de linguagens que auxiliem, efetivamente, o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Desse modo, buscamos embasamento teórico alicerçado na prática docente dos anos iniciais do ensino fundamental para a compreensão do espaço geográfico pela criança por meio da linguagem cartográfica.

Assim, nos pautamos em ampliar o debate de tal temática, cartografia escolar como linguagem para o ensino de Geografia, iniciado no capítulo 3 da dissertação “A formação do professor para os anos iniciais do ensino fundamental e a Geografia” 2018, subtítulo 3.2.3 **Atividades Avaliativas: Cartografia** (AMARAL, 2018, p. 102-107). Pois, compreendemos a importância do ensino de Geografia nessa etapa da educação básica como o início da alfabetização geográfica, que será consolidada nos anos posteriores, quando o aluno conseguirá compreender o espaço e sentir-se sujeito espacializado, desde que tenha sido trabalhado com requisitos básicos e linguagem adequada.

Desse modo, primeiramente, é preciso revelar o verdadeiro propósito da Geografia como ciência e disciplina, pois esse se encontra para além do que presenciamos na academia, nas salas de aula da educação básica e nos livros didáticos. A constituição da formação a partir dos anos iniciais no Ensino Fundamental em Geografia tem papel decisivo na compreensão da realidade.

Diante disso, é essencial entendermos que a Geografia é importante para que desde o começo do processo de ensino-aprendizagem, seja fornecido ao aluno instrumentos que o possibilite construir uma visão crítica englobando aspectos sociais, econômicos e políticos. Neste sentido, faz-se necessário que a relação ciência e didática esteja fundamentada na mediação da linguagem acadêmica para a pedagógica sem subtrair a validação do entendimento como complexidade permanente na formulação de problemas inseridos em todo o conhecimento produzido historicamente.

A linguagem escolar não é uma simplificação da linguagem científica e, deste modo, a mediação do conhecimento parte da integração do produzido socialmente objetivando a ampliação do saber numa linguagem adequada ao público. Assim, todo conhecimento científico será organizado de tal forma que não exista prejuízos intelectuais, ou seja, não se pode menosprezar o conhecimento numa linguagem escolar. Neste sentido, se destaca o papel do professor na construção do conhecimento, pois é ele e somente que poderá constituir-se enquanto sujeito do conhecimento que produz uma linguagem própria no processo ensino-

aprendizagem. O conhecimento é resultado do processo histórico, mas também o ensinar e o aprender são resultado de um processo conceptivo de trabalho educativo, como afirmou Duarte (1998).

O conceito de trabalho educativo aqui adotado situa-se numa perspectiva que supera a opção entre a essência humana abstrata e a existência empírica. A essência abstrata é recusada na medida em que a humanidade, as forças essenciais humanas, são concebidas como cultura humana objetiva e socialmente existente, como produto da atividade histórica dos seres humanos. Produzir nos indivíduos singulares "a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (DUARTE, 1998, p.2), significa produzir a apropriação pelos indivíduos das forças essenciais humanas objetivadas historicamente. Desse modo, trabalhamos com o método interpretativo Materialista Histórico Dialético.

2 GEOGRAFIA X CARTOGRAFIA ESCOLAR: INDISSOCIABILIDADE E COMPLEMENTARIDADE

O ensino é, portanto, resultado direto das constituições sociais, políticas, históricas, geográficas, econômicas e culturais, em outras palavras, ensinar é trabalhar no sentido de produzir a humanidade nos sujeitos, como destacou Duarte (1998, p. 2): "O trabalho educativo é, portanto, uma atividade intencionalmente dirigida por fins". A mediação do conhecimento produzido historicamente para o cotidiano escolar do aluno depende da finalidade objetivada das relações entre o Estado e as forças que compõem e organizam o mesmo, somado ao papel do professor referendado socialmente.

Assim, compreendemos que a Geografia como ciência e disciplina escolar tem papel importante na efetivação da construção de uma crítica para além do que está posto, mas, também a Geografia pode ser extremamente conservadora se não for ensinada a partir da realidade, ou seja, os conteúdos geográficos precisam de uma base dialética que demonstre as idas e vindas das múltiplas relações escalares, sempre dimensionadas pelas questões econômicas, políticas e sociais. Deste modo, destacamos no presente trabalho a importância da formação dos professores para constituírem fundamentos críticos aos seus alunos, portanto, entendemos que a constituição da formação dos anos iniciais em Geografia tem papel decisivo na compreensão da realidade. A Geografia escolar serve para:

Entender o mundo para compreender também sua vida, se reconhecer como um sujeito que tem identidade e que reconhece o seu pertencimento. Ao ter capacidade de se reconhecer como um sujeito do mundo cada um pode desenvolver a sua condição de cidadão, sabendo que pode ter voz e pode agir

no sentido de construir um mundo adequado à vida no conjunto da humanidade. (CALLAI, 2010, p.30).

Assim, o quanto antes os alunos obtiverem os ensinamentos que estabeleçam uma boa relação de aprendizagem na Geografia, melhor será sua compreensão em relação à sua realidade socioespacial. Desse modo, a cartografia escolar é uma linguagem didática e eficaz na representação das transformações ocorridas no espaço e, para tal, é necessário que desde os anos iniciais a criança seja ensinada, de modo a estimular o desenvolvimento das noções espaciais. Neste sentido, o ensino dessa linguagem torna-se relevante como apontado por Passini et al.:

[...] uma proposta para que alunos vivenciem as funções do cartógrafo e do geógrafo, transitando do nível elementar para o nível avançado, tornando-se leitores eficientes de mapas. O aluno-mapeador desenvolve habilidades necessárias ao geógrafo investigador: observação, levantamento, tratamento, análise e interpretação de dados. [...] o ensino de Geografia e o de Cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é conteúdo e a outra é a forma. Não há possibilidade de estudar o espaço sem representá-lo, assim como não podemos representar um espaço vazio de informações. (PASSINI; et al., 2007, p. 147;149).

Assim, para que a Geografia envolva o aluno e este se sinta convidado a interagir é necessário que as atividades de ensino se aproximem de sua realidade e vivência, fator que o fará relacionar com maior facilidade a matéria aplicada em sala de aula com sua dinâmica de vida extra-escola. Deste modo, Simielli ressalta a relação existente entre Geografia e cartografia escolar:

Todo procedimento para se trabalhar a cartografia, ou suas noções básicas nas séries iniciais, enfatiza o trabalho da criança em um processo no qual ela realmente participa, para assim melhor compreender a representação do espaço. Desmistificando-se assim a cartografia-desenho e passa-se a considerar a linguagem gráfica como um meio de transmissão de informação. (SIMIELLI, 2008, p. 90).

Nas últimas décadas a Cartografia na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) apresentou um avanço considerável, visto que observa-se também uma expansão dos conhecimentos cartográficos no ensino que vai da educação infantil até o ensino superior (ALMEIDA; ALMEIDA, 2014).

Passini et al. (2007), afirma que as primeiras relações espaciais que a criança constrói são as relações topológicas (vizinhança, proximidade, separação, envolvimento e interioridade/exterioridade), evoluindo posteriormente para as relações projetivas (coordenação de pontos de vistas, descentração, lateralidade). A passagem da percepção para

a representação espacial é feita sobre significante e significado, isto é, sobre o pensamento (significado) e o desenho (significante).

Segundo Santos e Fechine (2017), a alfabetização cartográfica atua como um coadjuvante que permite a criança desenvolver as noções de espacialidade, gerando uma percepção daquilo que está à sua direita e à esquerda, o que está perto e o que está longe, o que é grande e o que pequeno. De acordo com o desenvolvimento da criança, cabe aos professores gerar mecanismos para o desenvolvimento destas potencialidades, ou seja, ampliar as noções de espacialidades e compreender o que está à sua volta.

Para se construir uma Geografia mais representativa e participativa é relevante que o professor apresente e desenvolva atividades de ensino que envolva os alunos, para que os mesmos se sintam convidados a interagirem, ou seja, que se construa uma relação de proximidade com sua realidade e vivência, tendo como implicação a utilização do aprendizado aplicado com sua dinâmica de vida cotidiana.

Diante da premissa que o mapa é a representação da realidade tridimensional em um plano bidimensional, Farias argumenta:

A elaboração dessa representação envolve ações de muita complexidade que necessitam ser compreendidas pelos sujeitos, especialmente nas escolas, ou seja, envolve a simbolização, redução, projeção de uma superfície tridimensional no plano bidimensional, domínio das noções de orientação e localização etc. Enfim, exige como requisito para a sua elaboração e leitura o domínio de um complexo sistema semiótico, que se denomina de linguagem cartográfica. Assim sendo, é papel da escola, especialmente nas aulas de Geografia, já nos primeiros anos da vida escolar do alunado, possibilitar o domínio dessa linguagem, ou seja, promover, através da Cartografia Escolar, a alfabetização ou o letramento cartográfico desde os primeiros ciclos da vida escolar do educando. (FARIAS, 2016, p. 60)

O que o autor nos apresenta é a necessidade de desmistificar a cartografia escolar como uma linguagem pautada em desenhos que não significam nada para criança. Sua aplicabilidade na Geografia, independente do ano que será trabalhado, deve obedecer aos requisitos básicos para elaboração e compreensão do espaço representado cartograficamente. A linguagem gráfica e cartográfica, quando utilizada conscientemente respeitando suas condições, muito contribui para a espacialização do sujeito, bem como amplia sua concepção de mundo. É importante ressaltar que a cartografia escolar não deve ser dissociada da Geografia, pois ambas se complementam contribuindo para o ensino-aprendizagem do educando.

2.1 Quais contribuições a cartografia traz para Geografia escolar?!

Diante do uso da linguagem gráfica e cartográfica para o ensino de Geografia é necessário compreendermos a importância em relacionar o aprendido com o vivido, na própria dinâmica da vida e do aprendizado. Desse modo, entendemos que as atividades de ensino que conciliam as linguagens cartográficas com os fundamentos teórico-práticos da Geografia oferecem novas possibilidades de ensino, contribuindo para um maior aprendizado e, principalmente, para um desenvolvimento do senso crítico dos alunos nos anos iniciais. A cartografia, portanto, tem uma importância ímpar no ensino de Geografia, já que essa permite ao aluno compreender o dinamismo das questões políticas, econômicas, ambientais e culturais com um “simples” olhar para um mapa, bem como permite que as questões geográficas discutidas e ensinadas sejam localizadas cartograficamente e o aluno consiga compreender o *lócus* dos problemas e das questões apresentadas, ao mesmo tempo ampliar a capacidade de se avaliar em que local o aluno está no mundo, na cidade, no bairro, etc.

Segundo Almeida (2008), para se estabelecer uma boa relação de aprendizagem no ensino de Geografia faz-se necessário desvencilhar-se de uma abordagem apenas descritiva e pautar-se em uma ciência problematizadora, capaz de investigar e discutir, buscando soluções para os problemas apresentados de forma que se tenham condições de transpor, também, novos obstáculos no ensino. A cartografia é uma linguagem capaz de auxiliar o indivíduo a se localizar, orientar e compreender o espaço que o cerca, porém, se trabalhada de forma equivocada pode causar várias confusões nos alunos.

A função da cartografia é representar a realidade tridimensional, por meio de informações organizadas e padronizadas, no plano, atendendo diversos fins. A cartografia escolar se apropria das representações cartográficas, com uma linguagem didática, para auxiliar a compreensão de espaço na Geografia pelo aluno. Para que a cartografia escolar tenha sentido e cumpra meritória sua função é necessário que haja informações coerentes, organizadas e padronizadas, e não simplesmente uma imagem jogada no papel. Callai conseguiu articular bem essa questão:

Para saber ler o mapa, são necessárias determinadas habilidades, tais como reconhecer escalas, saber decodificar as legendas, ter senso de orientação.

[...]

Essas habilidades são adquiridas a partir da exercitação continuada em desenvolver a lateralidade, a orientação, o sentido de referência em relação a si próprio e em relação aos outros, além do significado de distância e de tamanhos. [...]

Aprender a observar, descrever, comparar, estabelecer relações e correlações, tirar conclusões, fazer sínteses são habilidades necessárias para a vida cotidiana. (CALLAI, 2005, p. 244-245).

Para que o aluno tenha condições de ler e compreender o mapa, o mesmo tem que lhe oferecer condições para isto, pois, diante de tal atividade o sujeito estará explorando o mundo que o rodeia por meio da representação cartográfica. O ápice da questão não é ler o mapa pela imagem, mas, conhecer o mundo e se reconhecer nele, capaz de colaborar com sua construção. Tanto o mapa como os conteúdos ensinados aos alunos têm que fazer sentido na vida dos mesmos, para que tenham utilidade no aprendizado e na elaboração de conhecimentos.

Porém, essa vantagem só será concretizada se a formação do professor proporcionar a ele uma consciência da importância da Geografia no exercício da compreensão das relações sociais e construção do espaço. Pois, se a formação do professor não possuir uma relação estreita com a Geografia, o que acontecerá com o ensino-aprendizagem é uma Geografia cada vez mais distante da realidade dos alunos.

Portanto, compreendemos que é necessário ampliar os debates acerca da importância em se estabelecer fundamentos teórico-práticos nos conhecimentos geográficos, cartográficos e pedagógicos, para adequar os conteúdos, materiais didáticos e atividades à realidade dos alunos, fato desafiador, visto que os livros didáticos possuem conteúdos genéricos e mapas que, na maioria das vezes retratam realidades distantes daquelas vivenciadas por eles.

Castellar nos apresenta a relevância da cartografia na educação geográfica:

Nesse sentido, estudar Geografia implica pensar o espaço e desenvolver o raciocínio espacial. Ler o mundo passa por compreender a complexidade espacial e a representação multiescalar do espaço. Cremos que, se a Geografia Escolar tem essa dimensão, ou seja, contribui para compreender e ler o mundo, a cartografia como linguagem ganha destaque e passa a representar parte essencial da Educação Geográfica, por isso são inseparáveis. (CASTELLAR, 2015, p. 196).

Assim, fica evidente que as contribuições dessa linguagem gráfica e cartográfica para o ensino de Geografia são amplas, mas, para que se efetive há a necessidade de trabalharmos na construção de um conhecimento que seja dinâmico e acessível. Desse modo, não é nossa intenção em apresentar soluções para uma alfabetização cartográfica, e nem um passo a passo para trabalhar nas aulas de Geografia. Mas apresentaremos considerações sobre algumas atividades aplicadas a alunos do terceiro ano do ensino fundamental numa escola da rede municipal de Uberlândia, no intuito de subsidiar uma reflexão quanto ao uso dessa linguagem e suas contribuições positivas ou negativas no processo de ensino-aprendizagem.

3 A CARTOGRAFIA ESCOLAR NA PRÁTICA: ATIVIDADES

Para se trabalhar com a cartografia escolar em Geografia necessitamos ter consciência que, como delimita Castellar,:

A Cartografia Escolar como opção metodológica nos ajuda a compreender quaisquer conteúdos geográficos, não somente a localização dos países, mas também a entender as relações existentes entre eles, os conflitos e a ocupação do espaço, com base na interpretação e leitura de códigos específicos da cartografia. (CASTELLAR, 2015, p. 200-201).

O que a autora nos apresenta é que nem a cartografia nem a Geografia são neutras quanto ao conteúdo expresso, ou seja, as informações contidas em um mapa sofrem influência de representações ideológicas e, desse modo, cabe ao professor a sensibilidade de reconhecer esses objetivos e decidir a melhor forma de apresentá-los aos alunos.

Assim, para estabelecer uma boa relação de aprendizagem no ensino de Geografia é necessário, como aponta Almeida (2008), desvincilar-se de uma abordagem apenas descritiva e pautar-se em uma ciência problematizadora, capaz de investigar e discutir, buscando soluções para os problemas apresentados de forma que se tenham condições de transpor, também, novos obstáculos no ensino.

Portanto, escolhemos três atividades para refletirmos a proposta e tecermos considerações frente à maneira com que foram desenvolvidas. A primeira atividade selecionada está relacionada ao tema “Escola” e nos proporciona refletir como a alfabetização cartográfica foi introduzida a estes alunos. A cartografia é uma linguagem capaz de auxiliar o indivíduo a se localizar, orientar e compreender o espaço, porém, se trabalhada de forma errada pode apresentar pontos negativos, sem conseguir alcançar os reais objetivos. Observemos a figura 1, na podemos verificar a planta de uma escola. Que escola é essa? A escola onde Júlio estuda – segundo o enunciado. Mas, quem é Júlio? Apesar de ser uma escola e desta possuir as mesmas dependências de milhares de outras, ela não é próxima dos alunos que receberam a atividade, ou seja, não há relação entre os estudantes do 3º ano do ensino fundamental da escola analisada com a escola de Júlio. Sendo assim, não há uma identificação com este espaço representado no plano bidimensional.

Mas este não é o principal erro da imagem, pois, a mesma não apresenta vários elementos importantes para a compreensão desse espaço que foi retratado: ausência de escala; não está orientada adequadamente; imagem torta no quadro; inexistência de legenda; não há

informações sobre a escola; fonte etc. Um mapa, por mais simples que seja, precisa seguir algumas regras cartográficas.

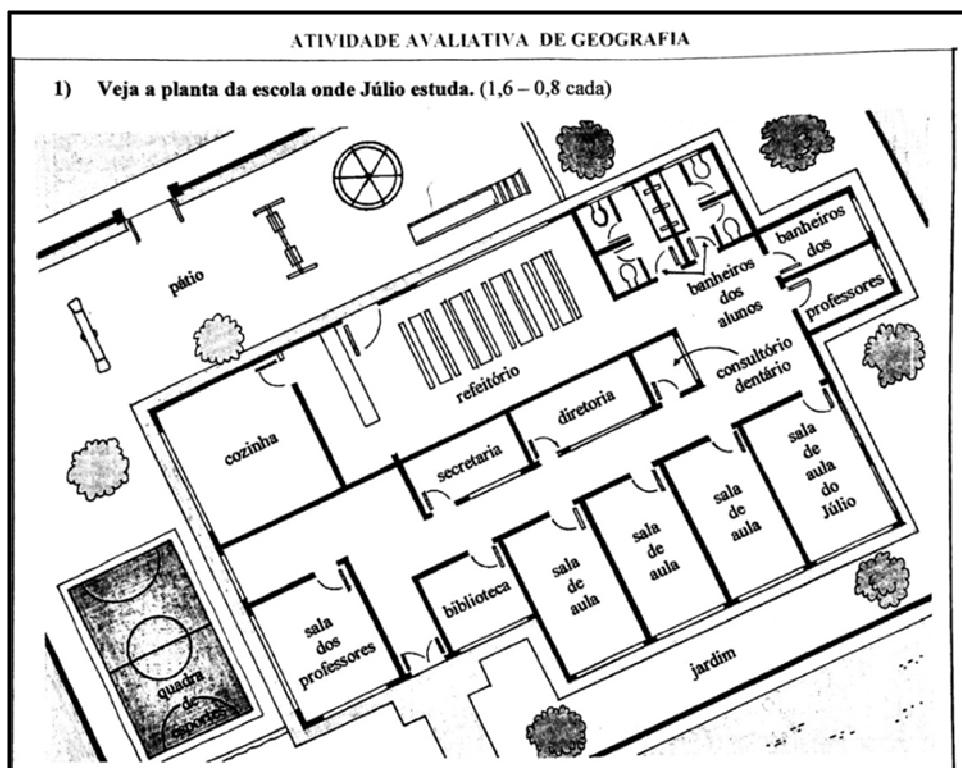


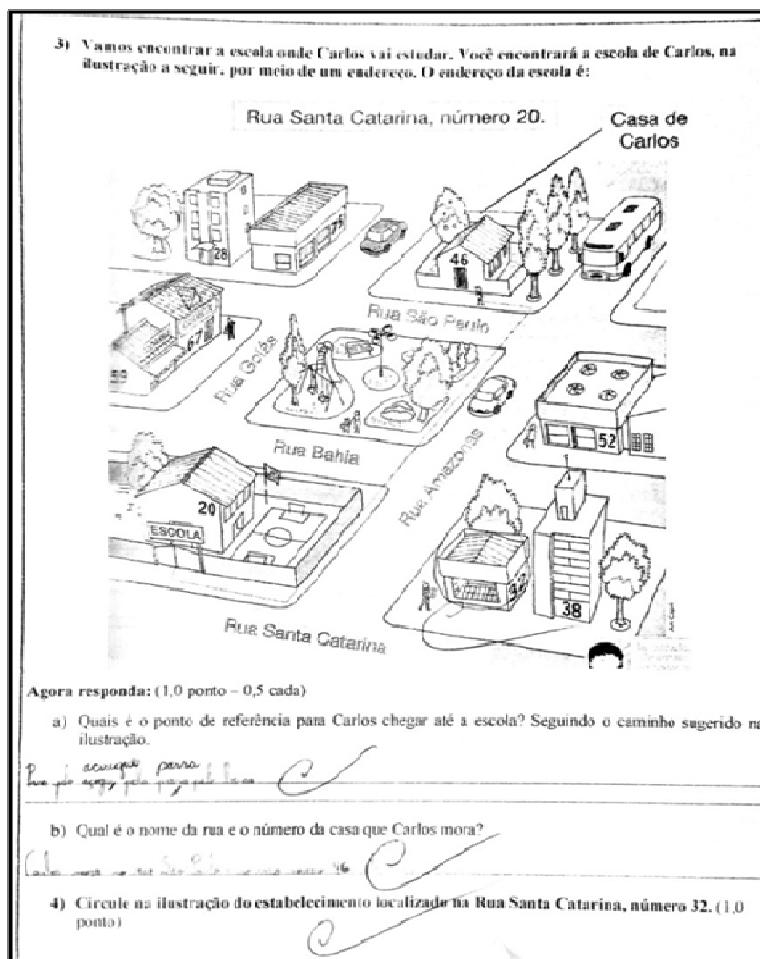
Figura 1: Atividade Avaliativa de Geografia aplicada ao 3º ano do Ensino fundamental.
Fonte: Escola Municipal de Uberlândia MG, 2017.

Assim, torna-se evidente que esta atividade não conseguirá atingir um objetivo mais amplo quanto à compreensão das relações estabelecidas no espaço, pois, não oferece condições ao aluno para fazer uma leitura e interpretação coerente desse mapa. Um mapa eficaz deve oportunizar ao aluno uma leitura para além da imagem, de forma que o conhecimento do espaço e o reconhecimento do sujeito nesse espaço sejam capazes de colaborar para sua construção de mundo.

Tanto o mapa como os conteúdos ensinados aos alunos têm que fazer sentido na vida dos mesmos, para que tenham utilidade no aprendizado e na elaboração de conhecimentos. A questão que segue a planta (figura 1) foi: **“Que dependências existem na sua escola? Assinale com um X.”** Diante desta questão analisamos que a planta da escola de Júlio serviu, apenas, para ilustração, pois a atividade não tem interesse na escola de Júlio, mas, na sua, ou melhor, na do aluno que está respondendo. Outro ponto importante a ser destacado é trabalhar

com dados concretos e reais e não inventar um espaço, principalmente quando o espaço representado não corresponde ao espaço em análise.

Segue na figura 2 mais uma ilustração sem o menor sentido para o aluno, porque não foi desenvolvida pelo aluno. A ilustração do trajeto da casa do aluno até a escola onde estuda faria mais sentido se o aluno construísse o trajeto, que poderia ser desenvolvido por meio de mapa mental.



poderia ter sido melhor aproveitado, porém, os equívocos demonstram a formação incipiente do professor para trabalhar com a linguagem cartográfica, o que é evidenciado no enunciado “Colorir de azul o município de Uberlândia”. A convenção cartográfica preconiza que tudo que está em azul num mapa refere-se à água. Imaginemos, então, todo o município de Uberlândia inundado!

ATIVIDADE AVALIATIVA DE HISTÓRIA/GEOGRAFIA

1. (2,0) Observe o mapa e faça o que se pede:

- Colorir de azul o município de Uberlândia.
- Colorir de amarelo os municípios vizinhos (que fazem limite com a cidade)



2. (3,0) Assinale as alternativas corretas.

() A zona urbana é bem maior que a zona rural.

() Os distritos de Uberlândia são: Miraporanga, Martinésia, Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos.

() Santa Maria foi o primeiro nome do distrito de Miraporanga.

() O nome Tapuirama significava gentios, bárbaros e inimigos.

() O distrito de Martinésia era conhecido por Martins.

() O bairro Guarani é um dos distritos de Uberlândia.

Figura 3 - Atividade Avaliativa de Geografia aplicada ao 3º ano do Ensino fundamental.
Fonte: Escola Municipal de Uberlândia MG, 2017.

Diante da questão 2 também representada na figura 3, percebemos que a preocupação desta avaliação era confirmar fatos históricos e algumas delimitações territoriais que foram cobradas na atividade, porém, não estavam representadas no mapa, como por exemplo os

limites dos distritos do município de Uberlândia. Não é nossa intenção menosprezar os fatos históricos, mas, compreender as relações existentes no interior deste município. Pois, conforme Callai:

Estudar o município tem pelo menos duas vantagens: o aluno tem condições de reconhecer-se como cidadão em uma realidade que é da sua vida concreta, aprimorando-se das informações e compreendendo como se dão as relações sociais e a construção do espaço. A outra vantagem é pedagógica, pois, ao estudar algo que é vivenciado pelo aluno, são muito maiores as chances de sucesso, de se tornar um aprendizado mais consequente. (CALLAI, 2003, p. 81-82).

Porém, essas vantagens, apontada por Callai (2003), só serão concretizadas se a formação do professor proporcionou a ele uma consciência da importância da Geografia no exercício da compreensão das relações sociais e construção do espaço. Pois, se a formação do professor não possuir uma relação estreita com a Geografia, o que acontecerá com o ensino-aprendizagem e com as avaliações é o que estamos presenciando nestas atividades, uma Geografia cada vez mais distante da realidade dos alunos.

Diante do contexto cartográfico das atividades apresentadas, nenhuma exibiu elementos básicos da cartografia, como: orientação do mapa; fonte; escala; legenda; dentre outros. Estes que representam os conhecimentos básicos acerca das atividades de ensino envolvendo as linguagens gráfica e cartográfica. Eis a necessidade de estabelecer fundamentos teórico-práticos nos conhecimentos geográficos, cartográficos e pedagógicos, para adequar os conteúdos, materiais didáticos e atividades à realidade dos alunos, fato desafiador, visto que os livros didáticos não contemplam a realidade vivenciada por eles.

Assim, é evidente que o ensino de Geografia caminha a passos lentos, pois se mantém com práticas tradicionais e conservadoras que não possibilitam aos educandos a leitura do mundo, esse espaço socialmente construído. As relações sociais não são aprofundadas e deste modo a Geografia se mantém à margem de discussões relevantes que direcionam os alunos à construção de um conhecimento sólido e significativo.

Para concluir as reflexões acerca das atividades cartográficas em Geografia destacamos a afirmação de Duarte: **“Ensinar conteúdos que não tenham utilidade no cotidiano do aluno tornou-se uma atitude antipedagógica”** (DUARTE, 2010, p. 37, grifo nosso).

A Geografia e as linguagens utilizadas para trabalhar com seus conteúdos precisam, com urgência, ser relevantes e manter uma relação com o aluno, para que ele veja na ciênci-

disciplina sua utilidade para a vida, utilidade que o faça pensar nas múltiplas relações que se espacializam no cotidiano das mesmas e com isso possa produzir novas questões e respostas para o local em que vivem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões acerca das atividades desenvolvidas em escola municipal de Uberlândia, embasadas por um arcabouço teórico, podemos apresentar considerações que nos levam além do que se encontra posto e imposto nas escolas de Educação Básica. Ou seja, necessitamos de mais debates frente à formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental que ministram disciplinas específicas. Em nenhum momento desejamos menosprezar a formação destes, ao contrário, devemos considerar uma carga curricular muito extensa para tal função, visto que a própria alfabetização e letramento da criança já não é um trabalho fácil.

Assim, compreendemos que um professor com formação polivalente, certamente, terá dificuldades em tratar de assuntos tão específicos e singulares como é o caso da Geografia e suas linguagens. Porém, necessitamos pensar como a Educação no Brasil está estruturada e quais as intenções para que continue a ser assim? Ideologia? Bom, esse seria um assunto para outro momento.

De volta à nossa proposta, a cartografia escolar, geralmente, é tida como uma vilã dentro da Geografia por muitos professores não dominarem essa linguagem e, desse modo, trabalhar com ela torna-se perigoso, principalmente nos anos iniciais, momento de início da alfabetização geográfica e que ficará marcado para toda a vida. Se neste período da escolarização ela não estiver embasada solidamente, nos anos finais do ensino fundamental o professor terá que desconstruir equívocos e reconstruir novos conceitos para estabelecer novas relações, o que despenderá tempo e desgaste da própria disciplina.

Portanto, finalizamos nossa reflexão na intenção de provocar outras, pois, este é um debate amplo que não se esgota por aqui. A linguagem cartográfica nos subsidia meritoriamente, por meio de representações gráficas e cartográficas, no ensino de Geografia, porém, necessitamos como professores a sensibilidade de trabalhar respeitando suas convenções e mediar uma aproximação entre ciência, disciplina escolar e cotidiano ao aluno.

SCHOOL CARTOGRAPHY AND GEOGRAPHY: A LANGUAGE TO UNDERSTAND SPACE IN THE INITIAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION

ABSTRACT

This article presents results obtained in the dissertation research – “The teacher training for the initial years of elementary education and Geography” 2018, with the support of CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel) – and broadens the debates about the activities of school cartography applied to the subject of Geography in the initial years of elementary school in a municipal school of Uberlândia. The research was dedicated to working with a qualitative approach and with an interpretative method based on the Historical Materialism Dialectic. Thus, the present work does not intend to present a step by step of how to work with the cartography language, but, it aims to broaden the debates about the way in which this language has been worked, many times, in a way mistaken. For this, it is necessary that we recognize the importance of Geography from the early years and advance in the conception that the school language is not a simplification of the scientific language, we must mediate the language respecting times and spaces, as well as we must respect the cartographic conventions, when we work with such language. Therefore, graphical and cartographic language, when used consciously respecting its conditions, greatly contributes to the spatialization of the subject, as well as amplifies its criticality and conception of the world.

Keywords: Cartographic Language. Spatioalization of the Subject. Criticity.

REFERÊNCIAS

PASSINI, E. Y. Aprendizagem significativa de gráficos no ensino de geografia. In: ALMEIDA, R. D. de (Org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008, p.173-191.

ALMEIDA, R. D. de; ALMEIDA, R. A. de. Fundamentos e perspectivas da cartografia escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Cartografia**, n. 66/4, 2014, p. 885-897.

AMARAL, L. de L. R. **A formação do professor para os anos iniciais do ensino fundamental e a Geografia**. 2018. 123 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

CALLAI, H. C. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, A. C. [et al.] (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e**

reflexões/– 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003, p. 77-82.

_____. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

_____. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E. M. B. de; MORAES, L. B. de. (Org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia** /– Goiânia: NEPEG, 2010 (Goiânia: E.V.) p.15-38.

CASTELLAR, S. Ensinar Geografia por meio da Cartografia Escolar: o raciocínio espacial. In: RABELO, K. S. de P.; BUENO, M. A. (Org.). **Curriculo, políticas públicas e ensino de geografia**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2015, p. 195-212.

DUARTE, N. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 19, n. 44, abril 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100008> Acesso em: 10/07/2017.

_____. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, L. M.; DUARTE, N. (Org.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 33-49.

FARIAS, P. S. C. Os limites e as possibilidades do ensino da cartografia escolar nas primeiras séries do ensino fundamental. **Revista GeoSertões** (Unageo/CFP-UFCG), v. 1, n. 1, p. 57-73, jan./jun. 2016.

PASSINI, E. Y. PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Org.). **Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

SIMIELLI, M. E. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, R. D. (Org.). **Cartografia Escolar**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 71-94.

SANTOS, F. dos; FECHINE, J. A. L. A cartografia escolar e sua importância para o ensino de Geografia. **Caderno de Geografia**, v. 27, n. 50, p. 500-515, 2017.

Recebido em 08-07-2019.
Aceito em 20/11/2019.